

CANTO SEDUTOR

Longe de mim a pretensão de ditar caminhos para a arte ou definir os propósitos misteriosos da imaginação artística mas, toda vez que me defronto com a arte verdadeira, convenço-me de que o artista de fato cria para atender a nossa carência do maravilhoso. Na verdade, há pouca maravilha no mundo ou, na melhor das hipóteses, bem menos do que gostaríamos que houvesse. Aí vem um cearense como Bruno Pedrosa e dispara a produzir quadros, vasos, jóias, tapetes, cheios dessa força mágica que violenta a banalidade do dia a dia. Dito assim, parece simples mas, no seu caso como em muitos outros, tudo começa por uma espécie de premonição que empurra o sujeito para o seu destino. Ou talvez não seja destino; talvez seja – quem sabe? - aquela carência do maravilhoso que, como um canto sedutor, o guiou para o rumo certo e ele na verdade veio inventando até hoje. Porque, na verdade, o rumo não existe. O que existe é a necessidade de fazer a maravilha – o rumo o artista inventa. Pode até matricular-se na Escola Nacional de Belas Artes, pode até estudar história da arte em vez de estudar arte, mas aquela necessidade profunda prevalecerá – e ele se tornará o artista que precisa ser. Bruno Pedrosa era bom de desenho e, por isso, dedicou-se a desenhar figuras, paisagens, casarios, até descobrir na pintura a linguagem das cores, que se tornaria para o resto da vida a sua verdadeira linguagem. Porque ele é essencialmente um pintor, quer pinte em tela, quer pinte em vidro. Já era um artista de renome no Brasil quando, em 1989, transferiu-se para a Itália, dando início a uma nova etapa de sua vida e de sua arte – uma espécie de reinvenção de si mesmo. O ambiente cultural e artístico europeu ofereceu-lhe novos conhecimentos e descobertas que resultariam em mudanças profundas em sua maneira de pintar e conceber a pintura. Abandonou a figura e, sob a influência do abstracionismo lírico italiano de Afro e Vedova, penetrou num novo universo pictórico. A linguagem não-figurativa de Pedrosa inscreve-se na melhor tradição dessa nova expressão, que não é apenas um modo abstrato de aludir à realidade figurativa e, sim, pelo contrário, uma maneira nova de fazer pintura, de inventá-la. De fato, uma descoberta da cor como cor e da forma como forma, ou seja, da pintura como linguagem autônoma geradora de novas imprevistas significações. Suas telas, a partir de então, deixam de aludir à realidade figurativa do mundo para se tornarem, elas mesmas, a construção de um novo universo feito de manchas de cor, linhas de cor, planos de cor, que se justapõem ou se superpõem, que cochicham, cantam, murmuram, vibram, entre accordes e dissonâncias, como nas composições musicais. O domínio, pelo artista, desse idioma gráfico-cromático encontrou novas possibilidades de expressão tendo o vidro com suporte, mais especificamente, nos vasos de cristais de Murano. O manuseio da aplicação das cores, ainda incandescentes, e com a rapidez que o novo material exige, fascinou e permitiu-lhe usar seu colorido e seu grafismo de modo inovador e inusitado. Este novo caminho contribuiu para ampliar o interesse pela arte de Pedrosa, hoje um artista de aceitação mundial, que percebeu de imediato o potencial comunicativo dessa nova linguagem do artista e apostou nela. Mas nada disso sucedeu por acaso. Ao abandonar a pintura figurativa, Bruno Pedrosa deu livre curso à sua capacidade de lidar com o improvisado e o rigor, com o previsível e o imprevisível. É desse jogo de contrários que nascem estas obras que a todos fascinam.